



GT 15. Antropologia, Performances e Patrimônios: saberes insubmissos

Coordenador(es):

Paulo Jorge Pinto Raposo (ISCTE)

Scott Head (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Sessão 1

Debatedor/a: Izabela Maria Tamaso (UFG - Universidade Federal de Goiás)

Sessão 2

Debatedor/a: Filipe Marcelo Correia de Brito Reis (ISCTE)

Sessão 3

Debatedor/a: Renata de Lima Silva (UFG - Universidade Federal de Goiás)

O GT tem por objetivo reunir de comunicações que incorporem reflexões antropológicas sobre as dimensões performativas e imateriais da cultura, notadamente a relacionada a processos de patrimonialização. Interessa-nos (1) entender como se evidenciam diálogos tensos e negociações entre saberes insubmissos, insurgentes e subalternos, materializados em performances culturais e cenários institucionalizados, que acionam a patrimonialização; (2) observar dinâmicas entre patrimônio(s) e performance(s) explorando as dimensões criativas e processos de objetificação cultural de repertórios culturais menos visibilizados ou minoritários; ou as tensões entre expressões culturais de natureza performática (festas, rituais, formas estéticas) e dinâmicas contemporâneas de classificação dessas formas expressivas, marcadas por resistências anti-patrimoniais ou processos insurgentes de empoderamento; (3) entender como formas de exibição dessas manifestações expressivas da cultura se dinamizam através de propostas insubmissas - museus, galerias, no espaço público, eventos ou plataformas virtuais - visando produzir formas mais ou menos canônicas de cultura. Pretendemos pensar criticamente os limites e as dimensões imateriais da cultura e da produção cultural do real. Serão bem vindas propostas em diversos formatos, contribuindo para uma certa descolonização na transmissão de ciência, seja pela tradicional comunicação oral, pelo ensaio audiovisual, instalação comentada ou conferência-performativa.

Baile de Congos: devoção, tradição e patrimônio cultural afro-brasileiro.

Autoria: Aissa Afonso Guimarães (UFES - Universidade Federal do Espírito Santo)

No caso brasileiro discutir conteúdos relacionados às culturas tradicionais, especialmente afro-brasileiras, é também uma forma de enfrentamento ao processo de colonização do pensamento na área da pesquisa em arte, uma vez que estes conteúdos despertam temas desconhecidos e silenciados que questionam a hegemonia deste campo de conhecimento. De modo que usaremos a categoria de patrimônio cultural afro-brasileiro para circunscrever uma noção do termo, que se dirige às formas de expressão, que envolvem a arte como sistemas culturais e relacionais e como formas de afirmação de identidade étnica, preservadas por seus detentores na diáspora. Nossa investigação busca compreender como a prática devocional popular, por meio do Baile de Congos de São Benedito ou Ticumbi, funciona como meio de fortalecimento das comunidades, de afirmação da identidade cultural e de luta pelo modo de vida das populações negras do Sapê do Norte, no município de Conceição da Barra, no estado do Espírito Santo. Este work traz como tema



central a tradição do ticumbi, e como estudo de caso o grupo Ticumbi de São Benedito do Bongado e suas relações com os jongos, da comunidade de Itaúnas. Através de elementos que compõem o ritual dos festejos, discutiremos a transmissão de saberes, organização e fortalecimento da memória dos grupos, em prol da preservação dos seus patrimônios artísticos, culturais e étnicos. A proposta aqui apresentada é resultado de longa trajetória de work no campo do patrimônio cultural na área de Artes, na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), por meio da pesquisa interdisciplinar e da extensão universitária, com agrupamentos de culturas tradicionais no ES, especialmente com os jongos, caxambus e ticumbis. Abordamos questões sobre o patrimônio cultural de natureza intangível, no diálogo reflexivo entre as áreas de artes, antropologia e educação através de projetos coletivos, compreendendo as tradições culturais afro-brasileiras como fonte de expressões artísticas, que funcionam como demarcadores de identidade e de transmissão de saberes das populações negras.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: